

AS REDES COMO MEIO DE CONSTRUÇÃO DE POÉTICAS

André Luiz Ferreira de Oliveira / Universidade Estadual de Montes Claros

Bernardo de Moraes Pinto

Karla Caroline Gonçalves Ruas / Universidade Estadual de Montes Claros

RESUMO

O trabalho expõe, na perspectiva do pensamento rizomático deleuziano, uma reflexão sobre como as redes permeiam e influenciam as poéticas contemporâneas em artes visuais. Apresenta a interação em rede a partir do grupo transdisciplinar de estudos da imagem – o TRANSI – e sua continuidade em um grupo de troca de cartas *online*. A partir dos relatos de três artistas, colaboradores da rede, as reflexões são expandidas para pensar as poéticas de: André Oliveira com a produção e publicação da zine Limbos; Bernardo Moraes levanta questionamentos acerca da cartografia de sua trajetória artística; e Karla Ruas aborda conceitos da relação entre o corpo feminino e a rede, numa perspectiva foucaultiana.

PALAVRA-CHAVE

poéticas contemporâneas; redes; artes visuais.

ABSTRACT

The work exposes, in view of the Deleuzian rhizomatic thought, a reflection on how networks permeate and influence the contemporary poetic visual arts. It presents the network interaction from the disciplinary group of image studies – the TransI – and its continuity in a group of exchange of online letters. From the reports of three artists, network employees, the reflections are expanded to think the poetics of: André Oliveira with the production and publication of the zine Limbos; Bernardo Moraes raises questions about the mapping of his artistic career; and Karla Ruas addresses concepts of the relationship between the female body and the network, in Foucault's perspective.

KEYWORDS

contemporary poetic; networks; visual arts

As redes como meio de construção de poéticas

Os trajetos artísticos são complexos de se desvendar, neste artigo expomos nossos relatos e experiências sobre esse percurso. No primeiro momento, apresentamos conceitos de Deleuze e Guattari para criar uma reflexão sobre como as redes permeiam e influenciam as poéticas na contemporaneidade, sendo o conceito de rizoma o ponto de partida dessa análise. Em um segundo momento, discutimos sobre as experiências concretizadas nas redes que participamos: o grupo TRANSI¹ (Grupo Transdisciplinar sobre a Imagem) e a troca de cartas *online* e como essa dinâmica influenciava os participantes. Seguimos, por fim, com os relatos de: André Oliveira descrevendo o percurso de sua produção e publicação da zine² Limbos³; Bernardo Morais levantando questionamentos acerca da cartografia ao longo da sua trajetória artística; e Karla Ruas abordando conceitos da relação entre o corpo feminino e a rede na sua obra *Há olhos sobre mim*, numa perspectiva foucaultiana.

Os rizomas contemporâneos na criação de poéticas

Partindo do pressuposto que a realidade é algo mais do que a dimensão concreta do mundo, mas também uma constante construção através da dimensão subjetiva, se fez necessário questionarmos acerca da arte que estamos produzindo. O sociólogo francês Baudrillard (2001, p. 47) crê que “estamos hoje em um mundo aleatório, um mundo em que não há mais um sujeito e um objeto harmoniosamente separados no registro do saber”. A atualidade pós-moderna nos permite construir múltiplos sentidos em um campo fecundo para produzirmos conceitos que envolvem a multiplicidade de fenômenos imbricados na relação entre sujeito e objeto. Entre o artista e sua arte.

A arte, muitas vezes se dá a partir das conexões de sentidos que emergem das práticas artísticas. Essa busca incessante de sentido por seus fazedores e seus novos paradigmas sócio-culturais pode ser pensada a partir de alguns conceitos levantados por teóricos pós-estruturalistas como Gilles Deleuze e Félix Guattari. Deleuze é um dos autores fundamentais para entendermos a construção de poéticas por meio das redes e suas plataformas tecnológicas, pois ele discute sobretudo, conceitos tais como multiplicidade, intensidade, redes, fluxos e virtual.

Em *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia* (2004), Deleuze e Guattari mostram que a realidade não está estabelecida, ela vibra e é composta por multiplicidades. Somos atravessados a todo momento por uma fala, uma comunicação que nos faz pensar e mudar nossa forma de ser. E não é todo este atravessamento que nos acontece quando estamos em redes e utilizando plataformas tecnológicas? Da mesma forma que nunca tomamos banho na mesma água de um rio (Heráclito, 2002, p. 205), o mesmo acontece quando somos atravessados, quando temos estes encontros, não somos mais os mesmos. Somos atravessados por uma *potência de pensamento* (DELEUZE, 2000).

Para melhor assimilarmos a teoria das multiplicidades é necessário entender o conceito deleuziano de “rizoma”, uma vez que o fundamento do rizoma é a multiplicidade em si. Rizoma é um termo emprestado da botânica, uma espécie de extensão do caule da planta, um caule que cresce horizontalmente sem direção específica para gerar novos brotos. Permanece abaixo do solo, fazendo múltiplos processos de troca com o seu ambiente. Assim como no reino vegetal, quando o rizoma se multiplica, cada novo broto cresce e desenvolve um novo conhecimento. Para Deleuze e Guattari, rizoma é construção do pensamento com pontos de vista diversos. Este foi um pensamento bastante subversivo proposto pelos autores às formas tradicionais de representar e organizar o conhecimento, especialmente a figura emblemática da árvore do conhecimento.

Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e de subjetivação, autômatos centrais como memórias organizadas. Acontece que os modelos correspondentes são tais que um elemento só recebe suas informações de uma unidade superior e uma atribuição subjetiva de ligações preestabelecidas. (DELEUZE & GUATTARI, 2000b p. 26)

Para Deleuze e Guattari como as relações são hierárquicas haveria portanto, uma poda ao impulso provocado pelo desejo de criar, pois sendo o homem uma árvore, não poderia ele evoluir em um terreno fixo. O homem se relaciona diferente com o outro e consigo mesmo, está constantemente buscando novas formas de ser e existir, e esta transformação é a própria proposta rizomática - de propagação vasta e

horizontal. É uma rede móvel de encontros sem começo nem fim, um sistema de atalhos e desvios sem vias diretas e retas. Um lugar de encontros imprevistos.

Se árvore é forma, o rizoma é um emaranhado de linhas. “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (DELEUZE & GUATTARI, 2000b p. 17). Linhas estas que se propagam e se conectam ao devir. Utilizando dessa imagem de linhas, Deleuze e Guattari tentam explicar com que intensidade se processa o pensamento.

Indivíduos ou grupos somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não tem a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, e talvez, com efeito, haja uma que seja, não determinante, mas que importe mais do que as outras... se estiver presente. Pois todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê. Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida. (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p.76)

Uma vez que o rizoma não se fecha em si, é sempre atravessado por outras linhas e se espalha, ele aumenta sua intensidade cada vez que faz novas conexões. Segundo os autores, só a partir de então, é que podemos criar algo novo, novos sentidos. “A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” (DELEUZE & GUATTARI, 2000b p. 28).

Há de ser dito que Deleuze e Guattari aprofundaram muito mais dentro do conceito de rizoma e suas linhas, mas o que explanamos até aqui é suficiente para associarmos com nosso objeto de estudo: a utilização das redes e seus sistemas tecnológicos na produção de artistas contemporâneos. Neste caso específico, a utilização das mesmas na produções dos autores deste artigo. Na internet temos superfícies que se esbarram. Conexões feitas a todo momento. Somos atravessados por refe-

rências e informações a cada nova conexão. Eis a chave mestra que Deleuze e Guattari defendiam como fórmula para se produzir algo novo.

A rede cibernética têm possibilitado o intercâmbio entre artistas e suas obras, mas também um contato de troca de informações e divulgação. Além disso e em consequência, temos milhares de rizomas conectados que fazem papel de emissores e outros como receptores que usam a produção de outros artistas afins para potencializar sua expressão. A rede é um fonte criativa não só para quem nela está para produzir mas também para quem usa dela para interagir, e encontrar uma forma de poder vir a ser.

Do grupo TRANSI a troca de cartas virtuais

O TRANSI, grupo transdisciplinar sobre a imagem com sede em Montes Claros/ MG, foi uma iniciativa de um coletivo de fotografias “Vendo Fotografias” e da professora Roberta Cangussu (Unimontes/MG), como o objetivo de fomentar os estudos sobre a imagem na contemporaneidade. De caráter transdisciplinar, visava agregar a produção poética e o ensino como eixos de discussão e pesquisa. Os encontros foram bem produtivos, intercalando reuniões presenciais que também se articulavam em uma rede virtual. Este grupo se instaurou como uma rede colaborativa de interação transdisciplinar, era formado por cerca de nove integrantes de diferentes áreas de atuação profissional que construíam o conhecimento em conjunto, resultando em intervenções artísticas pela cidade e virtualmente.



Grupo TRANSI
Pôsteres, 2014
Impressão Digital, 29,7 x 40 cm
Acervo do autor, Montes Claros (MG)

Com a "representação feminina, pelo viés da nudez" como temática norteadora foram feitas leituras e pesquisas diversas sobre o tema. Foram levantadas questões sobre a prevalência do nu feminino na história da arte ocidental, bem como a concepção de corpo feminino como objeto. O resultado dos estudos fora transformado ao logo do tempo em intervenções artísticas como: publicação de *teasers* nas redes sociais; distribuição de panfletos pelas ruas e a colagem em pôsteres em banheiros de bares pela cidade de Montes Claros. Isto porque com as discussões, passou-se a pensar na necessidade de problematizar o corpo dentro de dois locais de circulação: a publicidade e os banheiros. Como fechamento da temática foi realizada uma exposição com a união de novas obras criadas pelos integrantes do grupo.

Esta união mais do que um simples grupo com divisões de tarefas era portanto, uma rede de troca e constante produção entre os participantes. Utilizando a redes sociais como ferramenta de articulação foi possível estudar, aprender novas técnicas e desenvolver trabalhos de forma colaborativa Desta forma, semanalmente onde os resultados eram avaliados e novas ações planejadas. A nossa rede virtual era constantemente fomentada por novos conteúdos e análises do processo de produção artístico. Assim como o pensamento rizomático deleuziano o nosso grupo funciona-

va por meio de ramificações diferentes que se ligavam nos encontros presenciais e virtuais interagindo e produzindo ao mesmo tempo em que todos se influenciavam.

Com o advento da internet e sua constante evolução no quesito de intercomunicação, o distanciamento geográfico dos integrantes do TRANSI deixou de ser problema quando surgiu a ideia da troca de cartas *online*, com o intuito de dar continuidade aos nossos estudos. Levando para o mundo virtual o mesmo conceito tradicional de troca de cartas, os integrantes do grupo e convidados puderam continuar a interagir. Uma espécie de pensamento hipertextual coletivo que se organiza sob a forma de trocas de relatos, uma rede rizomática auto-suficiente. O hipertexto, como explanava Ted Nelson, estabelece:

[...] uma forma de escrita não seqüencial – um texto que se espalha em ramificações e permite ao leitor escolher caminhos, [e deve ser] preferencialmente lido em uma tela interativa. (NELSON, 1992, p.2)

O termo hipertexto inventado por Nelson nos anos 60, desejava expressar um conceito de uma leitura/escrita com estrutura multidimensional: “As idéias não precisam ser separadas nunca mais [...] Assim, eu defino o termo hipertexto simplesmente com escritas associadas não seqüências, conexões possíveis de se seguir, oportunidades de leituras em diferentes direções” (NELSON, 1992. p.161). A troca de cartas *online* é um território instaurado a partir da afinidade por um tema: a Arte. Cada indivíduo do grupo é um ser repleto de potencialidades que se intensifica com a descoberta de diferentes extratos de realidade oferecidos pelas cartas de outros integrantes. Criando assim zonas de indeterminação pra subjetividade, linhas de fuga que se propagam em diversas direções além deste território.

Entendemos que o desenvolvimento da criatividade e subjetividade se amplia quando estamos em um meio de compartilhamento de experiências, assim como pensa Zamboni ao afirmar que a Arte “[...] não é só conhecimento por si só, mas também pode constituir-se num importante veículo para outros tipos de conhecimento humano, já que se extrai dela uma compreensão da experiência humana e dos seus valores” (ZAMBONI, 2001, p. 20). A conexão de idéias entre os artistas ampliam as capacidades cognitivas, produz novas significâncias e equivalências em rede.

André Oliveira – A rede na criação e publicação da zine Limbos

Desde o início da minha inquietação por explorar o universo das artes a internet foi o principal marco no meu trajeto. Graças a ela foi possível ter acesso a diferentes referências, como filmes, músicas, livros, quadrinhos, tutorias e assim explorar diferentes áreas das imagens, dos estudos iniciais em ilustração e animação até os trabalhos como web designer e editor de vídeo. Todo esse *remix* reflete muito como é o meu processo artístico e sua cooperação com as redes que participo.

Delimitado como exemplo do meu processo artístico escolho a produção da zine Limbos, um história em quadrinhos feita em meados de 2013 e no mesmo ano publicada no FIQ (Festival Internacional de Quadrinhos) além de disponibilizada *online* no meu site pessoal.



André Oliveira
Limbos, 2013
Pintura em Nanquim e Colorização Digital
Acervo do autor, Montes Claros (MG)

Atualmente consigo refletir bem como esse processo foi importante e demonstra a conciliação entre experiências pessoais e as diversas fontes de referência que tenho.

Partindo da vontade de criar uma história em quadrinhos, e tendo uma vaga ideia, o processo iniciou-se com a coleta de imagens e textos na internet de diferentes artistas como: Kafka, Jorge Luis Borges, Allan Poe, Tarkovsky, Moebius, Jodorowsky, Diego Gerlach, Van Gogh, Rafael Sica, Pedro Franz, Sergio Leone, HP Lovecraft, Thomas Ott. Logo após comecei uma coleta de fotografias para referência, pois já se formava na minha mente um universo pós-apocalipse no deserto do Atacama.

Tendo essa teia rizomática de referências formulei uma história que foi sendo desenvolvida página por página sem ter um final ou roteiro definido. Apenas a ideia de um personagem que caía de um avião e se encontrava com ele mesmo em outro universo sem entender o que estava acontecendo. Esse foi o ponto inicial e cada página desenhada era uma improvisação baseando em minhas experiências de vida, o mapa visual construído e o intuito de fazer um história que gerasse mais interpretações do que respostas, fosse aberta. Por isso o quadrinho não apresenta falas, apenas acontecimentos sendo guiados pela mudança de página e imaginação do leitor para interpretar o que as imagens oferecem de possibilidades.

Como percebemos este processo é bem próximo do conceito de teia rizomática defendido por Deleuze e Guattari, todas as ramificações de referências coexistiram com o processo de criação e a cada desenho era um momento de improvisação do consciente que navegava pelo mapa visual e do inconsciente que transitava além do mapa, também por minhas memórias de experiências de vida.

O processo criativo se formou de forma constante por um período de dois meses indo dos desenhos feitos com nanquim e pena até a colorização no computador, este sempre ligado sendo um guia para o meu processo de produção. Tendo confeccionado cerca de 100 zines e publicado *online* a Limbos, pude refletir mais sobre a história e perceber que muito do meu subconsciente estava ali, uma mistura de traumas e fatos marcantes da minha vida. Durante a publicação no FIQ e também ao longo do tempo por meio do site, recebi diversas respostas de interpretações para a história o que me fez considerar bem sucedido o meu objetivo inicial.

Esta vontade por explorar mais afundo as artes e entender o fazer dos quadrinhos me levou a participar do grupo TRANSI, me questionar e ter outras visões sobre o meu trabalho. Com o intuito de fomentar a escrita e continuar de alguma forma com esse ecossistema transdisciplinar que existiu criei um grupo de troca de cartas *online*, entre interessados no tema: a Arte. Essas redes além de outras que participo ditam como construo atualmente as minhas concepções de quadrinhos experimentais e como serão minhas próximas obras.

Bernardo Morais – Uma cartografia do meu trajeto artístico

Posso dizer que o meu relacionamento com a arte se deu de forma ingênua. Apesar de ter sido uma criança sensível, a capacidade criativa nas visualidades só aconteceu quando entrei em contato com a disciplina História da Arte e Criação na faculdade de Comunicação Social. Período este também foi marcado pela explosão das redes sociais. De lá pra cá venho experimentando diversas plataformas. Comecei com fotografia, ensaiei algumas colagens, aquarelas e telas com tinta acrílica. A ingenuidade que citei anteriormente pode ser vista em uma análise das questões e temáticas que eu abordava.

Na minha urgência e angústia de expressar meus questionamentos acredito que acabei por sempre produzir sob um imediatismo. Percebi que todo o tempo em que estive buscando entender minha expressão, estive sobre a aura de um método de acasos e acidentes, um trabalho mais cartesiano e menos refletido. Embora o processo já pudesse ser considerado um atravessamento, ainda não havia me deparado com o conceito deleuziano de rizoma para entender como a minha produção estava se desenvolvendo através do bombardeio de referências.

O bombardeio de imagens de arte e suas adjacências de fato nos impacta e inspira, mas acredito que no meu caso o real atravessamento deleuziano se deu quando fui convidado a participar do TRANSI, onde tive contato direto com outros artistas da cidade que se encontrava uma vez por semana, mas estendia os debates e trocas de informação pelas redes sociais. Foram aqueles encontros que permitiram melhor entender a minha forma de expressar e me aproximar da minha poética. Questionando sobre os sentidos da percepção acabei me deparando na internet com a obra do filósofo Maurice Merleau-Ponty que defendia uma análise onde dados psicológicos, biográficos, as influências técnicas e ideológicas, as intenções do artista e suas pinturas, sejam todos considerados, ganhando e configurando um sentido mais pleno.



Bernardo Morais
Sem Título, 2014
Aquarela sobre papel, 30 x 21 cm
Acervo do autor, Montes Claros (MG)

Analisando a vida e obra de Cezánné, Merleau-Ponty concluiu que a vida do artista e sua obra imbricam-se uma na outra “É certo que a vida não explica a obra, mas é certo também que elas se comunicam. A verdade é que essa obra por fazer exigia essa vida” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.136). Sei que o meu saber fazer através das técnicas estarão presentes no momento de produção, mas essas informações não podem ser o ponto de partida. Antes de tudo, preciso buscar a minha conexão com o contexto, como isso me transforma. Mapeei minhas produções até então e percebi que absolutamente tudo que eu produzi tratava de uma única temática: a memória de infância. A relação de equivalência entre o eu e minha memória é pulsante, meu norte.

A solução que encontrei e a qual ainda está em processo, é fazer uma espécie de inventário com todos os signos que me são inerentes. Estou tecendo redes de significâncias afetivas que marcam minha poética, juntamente com uma análise descritiva

das minhas memórias de infância vividas no período em que morei na fazenda dos meus avós. Em acréscimo, analiso as fotografias que fiz deste mesmo tempo/lugar quando o revisitei já com uma câmera fotográfica quando estive na faculdade. Todo este processo me remete ao modo como Gilles Deleuze e Félix Guattari entendem o conhecimento de cartografia como desdobramento da minha percepção das memórias e suas experiências. Uma espécie de mapa como descrevem os autores:

[...] o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói [...]. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente [...]. Uma das características mais importantes do rizoma talvez seja a de ter sempre múltiplas entradas. (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 22)

Em meio a este mapa que funcionará para mim como um inventário vivo, estabelecerei um novo território rizomático com novas possibilidades de cruzamentos de suas linhas. Ainda de acordo com Deleuze Guattari, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza.

[...] E constantemente as linhas se cruzam, se superpõem a uma linha costumeira, se seguem por um certo tempo. [...] É uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar uma na outra. Rizoma. (DELEUZE & GUATTARI, 2000b, p. 77-76).

Vejo assim a importância das conexões e suas trocas em rede, especialmente pelas cartas via e-mail como uma troca de saberes e experiências de mundo. Um ecossistema complexo, composto de nichos de conhecimento que produz inquietações e fomenta a subjetividade sem distância dos fenômenos. Apenas compartilhamentos de entendimentos e questionamentos.

Karla Ruas – um olhar sobre arte, corpo feminino e interação com a rede

O fio condutor das minhas obras é o corpo e subjetivamente a rede, já que é dela que tiro a maior parte de minhas referências. A ideia de trabalhar com ilustrações onde o corpo, no caso o feminino, e a natureza se completam, se mesclam, se hibri-

dizam veio de experiências sensoriais muitas vezes trazidas de pesquisas feitas na internet, em sites como o *Pinterest*. Partindo da idéia que a tradição da representação desse corpo organiza-se em torno da integridade do próprio corpo - o meu corpo- e suas fronteiras, criando ações que buscam romper com modelos, estabelecendo dicotomias entre o todo/fragmentado, interno/externo, representação/auto-representação, passivo/atuante, humano/natureza.

Esse corpo faz parte da paisagem visual contemporânea e dentro da rede encontro além de várias imagens que me estimulam, também textos discutindo a identidade feminina e propondo novas configurações subjetivas a realidade. Foucault também me ajuda a entender esse corpo como experiência, de ensaios de existir.“ A partir da ideia que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos de criar a nós mesmos como uma obra de arte” (FOUCAULT, 2004, p.59).

Essa citação me faz construir não só a mim como obra de arte como também minhas ilustrações, me transporto para elas, minhas ideologias e minha (re)construção ininterrupta. A rede além de referências imagéticas e artigos, nos proporciona diálogos e trocas colaborativas. Muitas vezes, entre pessoas que querem construir novos discursos e idéias e desconstruir discursos dominantes da nossa cultura ocidental.

Um desses grupos foi o TRANSI que começou com encontros presenciais discutindo sobre *Erotismo Feminino* e me proporcionou uma abertura teórica, imagética e dialógica sobre o corpo feminino. Essas trocas de experiências, vivências e ideias me fizeram desconstruir uma ideia corpo. Tais diálogos também me ajudaram na execução e formulação da minha poética, a repensar o lugar da arte também como formas de existir e se posicionar.

Voltando a Foucault, ele reitera a urgência política e ética de tratar desses discursos enquanto práticas culturais e sociais que legitimam violência e opressões, esses jogos de poder e de saber mantêm as mulheres subordinadas, enquanto conjunto de significados forjados cultural e historicamente. Mas sabemos que onde há poder há também resistências, e o campo artístico é um dos lugares de crítica contundente a essa aversão as mulheres.

Todos esses encontros reais, virtuais, internos, externos deram vida a um trabalho que comunga com esses pensamentos e tenta quebrar as barreiras desse “aprisionamento” feminino. A ilustração *Há olhos sobre mim* trás a ideia da opressão às mulheres, não somente as islâmicas que precisam utilizar a burca, mas a utilizo como alusão a todas as opressões que nós mulheres sofremos.



Karla Ruas
Há olhos sobre mim, 2014
Aquarela sobre papel, 30 x 21 cm
Acervo do autor, Montes Claros (MG)

A burca é uma vestimenta dos pés à cabeça utilizada exclusivamente por mulheres. Seu objetivo é esconder o corpo todo, incluindo o rosto. A sua única abertura é uma espécie de rede de malha que permite que a mulher tenha um campo de visão limitado. Essa visão limitada pela burca não é só a falta de informação sobre seus direitos, mas também a acomodação a submissão cultural, onde a mulher continua tendo menos direitos que os homens e menos voz ativa.

Os olhos na burca retratam a visão do mundo sob elas, e também delas sobre o mundo, já que essa veste assegura a lembrança constante de uma prisão e de uma visão marcada por sombras. Esse olhar também pode ser transferido para outras mulheres onde só podem enxergar as sombras autorizadas por seus limites, olhar que pode ser aumentado pela informação e também por “práticas de liberdade”

(FOUCAULT, 2004), abrindo seus horizontes de possibilidades e direitos. A rede tem uma parcela imagética nesse trabalho, a planta que cresce no vaso sobre a cabeça é essa abertura, o florescimento de novas ideias, de compartilhamento a respiração que emana a vida.

Prospectando novas conexões

Com este artigo propusemos levantar questões para uma reflexão sobre nosso trabalho e as redes que permeamos. Essas conexões emergem a todo o momento e estes vínculos são essenciais na produção artística da contemporaneidade. A troca de cartas *online* é o nosso meio atual de um intercâmbio mais profundo de conceitos dos nossos trabalhos e essa rede tende a crescer com novos integrantes que não são especificamente das Artes Visuais.

O grande desafio é fazer desse ecossistema um meio transdisciplinar, assim como era o TRANSI, mais ampliado e com uma colaboração efetiva da conceituação até a produção de novos trabalhos. Utilizando justamente a internet como quebra de barreiras, as dificuldades físicas e temporais, esperamos que essa rede cresça cada vez mais, se consolide e dela surja novas redes e ecossistemas positivos para os participantes, já que atualmente temos acesso as informações e ferramentas tecnológicas para ampliar nossas possibilidades de integração e assim nossas perspectivas como artistas que produzem se questionam.

Notas

¹ Grupo TRANSI - Disponível em: <<https://www.facebook.com/grupotransi/>>. Acesso em: 27 de mai. 2015.

² A termo "zine" é utilizado para as publicações independentes e tem origem na palavra fanzine junção dos termos *fanatic* e *magazine*.

³ Limbos - Disponível em: <<http://andreoliveira.com/hq/limbos/>>. Acesso em: 27 de mai. 2015.

Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Senhas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

HERÁCLITO. *Fragmentos Contextualizados*. Tradução, apresentação e comentários de Alexandre Costa. Rio de Janeiro, Difel, 2002, fragmento L.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000b.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: *Ética, sexualidade e política*, por Michel FOUCAULT, 264-287. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004a.

_____, M. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, M. B. (Org.). *Ética, sexualidade, política*. Coleção ditos e escritos, v. V. São Paulo: Forense Universitária, 2001b

LEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. 1ª ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

NELSON, Theodore, H. Opening hypertext: a memoir. In: TUMAN, M. C. (Ed.). *Literacy online: the promise (and peril) of reading and writing with computers*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1992.

_____. Virtual world without end. In: JACOBSON, *I Cyberart: exploring art technology*. San Francisco Freeman, 1992.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

ZAMBONI, Silvio. *A Pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2001.

André Luiz Ferreira de Oliveira

Acadêmico de Artes Visuais pela Universidade Estadual de Montes Claros. Bolsista do PIBID de Artes Visuais. Em sua pesquisa dedica aos estudos e poéticas dos quadrinhos experimentais.

Bernardo de Moraes Pinto

Especialista em Comunicação na Era Digital. Graduado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda. Publicitário, Fotógrafo e Artista visual. Desenvolve pesquisas sobre memória o homem sertanejo e seus desdobramentos visuais.

Karla Caroline Gonçalves Ruas

Especialista em didática e metodologia no ensino superior, licenciada em artes visuais. Ilustradora e professora de desenho. Suas pesquisas são dedicadas ao corpo feminino feminino, hibridismo e desconstrução do sujeito moderno.